



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11019 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

**A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO AMAZÔNICO**

Fernanda Priscila Alves da Silva - UFAM - Universidade Federal do Amazonas

## **A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS EM EDUCAÇÃO, GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO AMAZÔNICO**

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar, em forma de relato de experiência, quais tem sido os sentidos, significados e percepções de estudantes dos cursos de pedagogia e educação física, sobre a importância dos estudos em educação, gênero, raça e sexualidade na formação docente. Compartilho relatos e vivências tecidas em sala de aula junto aos futuros professores assim como os debates e problematizações construídas neste espaço.

Esta discussão tem como pano de fundo as vivências tecidas e oportunizadas no componente curricular Educação e Sexualidade, disciplina optativa ofertada no curso de pedagogia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)– Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ), em Parintins. Parto do entendimento de que os estudantes trazem saberes, vivências e percepções sobre a temática. Por isso, o pressuposto metodológico e epistemológico se ancora de um lado nas discussões apresentadas por Michel Foucault (1999) sobre como tem se construído contemporaneamente o discurso sobre sexualidade e os debates e provocações de Guacira Lopes Louro (2000) acerca das questões relacionadas à sexualidade, gênero e raça. A teoria proposta por Michel Foucault busca problematizar a discussão sobre gênero e sexualidade buscando um exercício de desnaturalização, ou seja, percepção das coisas que não existem desde sempre.

Essa percepção de produção de verdade e de sua naturalização de forma que acreditamos que são “reais” e que existem desde sempre é bastante utilizada pelos estudos de gênero e sexualidade, pois nesta área existem discursos que se entrecruzam para produzir verdades para exclusão dos corpos. Há um processo de produção de mecanismos, onde há a separação de indivíduos “normais” “anormais”. E a escola (e universidade) é uma dessas instituições que atuam para a produção do sujeito moderno, do sujeito normatizado, a partir dos procedimentos disciplinares presentes nela (CARDOSO, 2018, p. 322).

Torna-se fundamental o debate de Guacira Louro (2000) sobre as pedagogias da sexualidade diante da reflexão sobre como tem sido construídas tais pedagogias no interior das escolas e universidades. Uma discussão importante abordada pela autora refere-se ao conceito de identidade, ancorada nos estudos de Stuart Hall (1997) e a importância dos movimentos sociais, em particular o movimento feminista e movimentos de gays e lésbicas anunciando desde os anos 1960 as novas identidades sociais. Esta autora aponta quatro elementos importantes nesta discussão: (1) a sexualidade é aprendida ao longo da vida, (2) a sexualidade é uma invenção social; (3) na cultura, se definem as identidades sociais, e (4) somos sujeitos de muitas identidades.

Os elementos acima mencionados, pontos-chave no debate realizado por Guacira Louro (2000) dialogam com os debates realizados em sala de aula junto aos estudantes e expressam a importância de construção de espaços como estes no processo de formação dos futuros professores. A partir desta perspectiva, entendo juntamente com Weeks (2000) que a reflexão sobre sexualidade é muito mais do que simplesmente corpos, ou seja, “a sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico” (p. 36). A importância deste debate junto à estudantes dos cursos de pedagogia e educação física demonstrou a relevância da articulação de tais temáticas no contexto da educação. Por isso, a reflexão aqui apresentada tem também como referencial teórico o pensamento de Paulo Freire e bell hooks, por entender a importância de uma educação pautada na criticidade, transformação e engajamento.

Freire (2020) é uma grande referência no Brasil e no mundo quando se propõe a refletir e construir o que se tem denominado de educação libertadora e transformadora. Como educador, professor e homem comprometido com as questões emergentes em seu tempo apontou “*saberes necessários à prática docente*” vislumbrando a relação entre docência e discência, a responsabilidade ética do exercício docente, a dimensão da curiosidade epistemológica no processo de aprendizagem, a inconclusão do ser humano. Sobre este último destaca que a conscientização faz parte deste processo, onde enquanto os seres humanos estão sempre a nos fazer enquanto pessoas e a buscar “ser mais”. Desse modo, “a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inserção do sujeito inacabado num permanente processo social de busca” (FREIRE, 2020, p. 54).

bell hooks (2013), ancorada no pensamento de Paulo Freire, acredita que a construção

da educação pode ser humanista, antirracista, anti-homofóbica, antissexista e capaz de reconhecer as vozes das pessoas, estimulando o senso crítico de si mesmos e da realidade em seu entorno e construam uma prática que liberte as minorias da opressão. Para tal, será necessário combater os métodos pedagógicos arcaicos e descentralização do conhecimento teórico que não reconhece essa aproximação da teoria e prática.

## MÉTODO

Neste relato busco apresentar as experiências tecidas junto aos estudantes de pedagogia e educação física da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em Parintins, na disciplina Educação e Sexualidade. A construção de uma proposta metodológica para a disciplina teve como base epistemológica o pensamento de Paulo Freire e bell hooks, considerando a educação como prática da liberdade e pedagogia engajada como elementos fundantes da discussão.

A metodologia utilizada em sala de aula, no processo de desenvolvimento da disciplina considerou duas dimensões: a **primeira** consistiu em **promover espaços e rodas dialógicas interativas** onde os estudantes poderiam compartilhar por meio de seus relatos as vivências e experiências acerca das temáticas discutidas na disciplina. Estes diálogos consideraram como fundamental a escuta das vozes destes estudantes e o compartilhamento das vivências. A **segunda dimensão** buscou **problematizar, suspeitar, questionar as questões emergentes** dos relatos apresentados. A problematização considerou o que Paulo Freire chamou de curiosidade epistemológica, ou seja, um movimento de nos perguntar sobre o vivido e sobre a realidade, fazer leitura de mundo, decifração da palavra e compreensão crítica das situações cotidianas. E por fim, a **terceira dimensão** teve como propósito: **promover debates teóricos e articulações epistemológicos**, buscando articular as questões apresentadas pelos estudantes com os aportes teóricos, epistemológicos e metodológicos da disciplina tecendo redes de conhecimentos pautados na troca, interação e diálogos.

A partir deste percurso metodológico, pautado na construção de um pensamento crítico e de uma pedagogia engajada, a estratégia foi atravessada pela dialética dialógica, ou seja, reconhecimento das contradições do vivido e das leituras que fazemos da vida e realidade. O pensamento crítico é nesta perspectiva, “um processo interativo, que exige a participação tanto do professor quanto do aluno” (HOOKS, 2020, p. 34). Por meio da partilha das vivências, ecoar as vozes, compartilhamentos dos saberes e interação o processo de aprendizagem, construção e desconstrução vai sendo construído.

## DISCUSSÃO E RESULTADOS

Em sala de aula muitas são as vivências e possibilidades quando se propõe a construir uma pedagogia engajada e comprometida, conforme apresentada pela feminista bell hooks (2020) como “uma estratégia de ensino que tem por objetivo recuperar a vontade dos estudantes de pensar e a vontade de alcançar a total autorrealização” (p. 33). Por este motivo, no processo desenvolvimento da disciplina uma das propostas foi a de escutar as vivências dos estudantes. Como estes percebem, sentem e significam suas experiências acerca das temáticas em discussão: educação, gênero, raça e sexualidade.

Parto de uma escuta atenta sobre o que significa sexualidade nas vivências dos estudantes. E este ponto de ponto de partida fundamentado na perspectiva crítica e feminista permitiu criar espaços dialógicos onde os estudantes pudessem falar livremente sobre suas preocupações e pensamentos sobre a temática. A cada aula, foi criado espaços de fala e escuta, espaços de trocas e compartilhamento de vivências. Uma situação interessante ocorreu em um determinado dia em que a turma dialogava sobre situações do cotidiano. Algumas cenas eram compartilhadas:

- Como promover o cuidado das crianças?
- *“sou pai e cuido de minha filha, mas ao meu redor muitas pessoas não entendem”*: aqui conversamos sobre a responsabilidade do cuidado das crianças; o papel das mulheres e dos homens neste processo.
- Quando devemos falar de sexo com as crianças?
- Como podemos modificar os modos e formas como homens tratam mulheres?
- A sexualidade percebida pelos estudantes como uma temática tabu em seus contextos familiares, situação da mulher e situações de violências, situações relacionadas à homofobia: *“como fazer nossos pais entenderem a sexualidade”*? (pergunta de alguns estudantes).

Estas e outras questões foram emergindo durante a disciplina e assim evidenciou-se aquilo que bell hooks (2019) nos apresenta acerca da importância de criar espaços de fala onde as vozes possam ecoar. A proposta feminista neste sentido tem possibilitado “fazer a transição do silêncio a fala como gesto revolucionário” (p.45). Foi perceptível este movimento em sala de aula. À medida que provocava a discussão da temática por meio de perguntas, espaços abertos de fala, relatos e narrativas de experiências um estudante encorajava ao outro a falar. Escutar a própria voz e escutar as outras vozes criou espaços de transformação e autorrecuperação. Desse modo,

Falar se torna tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito. Apenas como sujeitos é nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz – e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros (HOOKS, 2019, p. 2019).

Um marco destes relatos foi compartilhado por uma das alunas. Uma colega trouxe como sugestão para a aula que pudéssemos compartilhar canções que dialogassem com os temas discutidos em sala. Esta aluna trouxe então a música da cantora Iza chamada *Dona de mim*. A seguir compartilho a letra da canção, por se tratar de uma memória importante nesta discussão:

*Já me perdi tentando me encontrar  
 Já fui embora querendo nem voltar  
 Penso duas vezes antes de falar  
 Porque a vida é louca, mano, a vida é louca*

*Sempre fiquei quieta, agora vou falar  
 Se você tem boca, aprende a usar  
 Sei do meu valor e a cotação é dólar  
 Porque a vida é louca, mano, a vida é louca*

*Me perdi pelo caminho  
 Mas não paro, não  
 Já chorei mares e rios  
 Mas não afogo, não*

*Sempre dou o meu jeitinho  
 É bruto, mas é com carinho  
 Porque Deus me fez assim  
 Dona de mim*

*Deixo a minha fé guiar  
 Sei que um dia chego lá  
 Porque Deus me fez assim  
 Dona de mim*

*Já não me importa a sua opinião  
 O seu conceito não altera a minha visão  
 Foi tanto sim que agora digo não  
 Porque a vida é louca, mano, a vida é louca*

*Quero saber sobre o que me faz bem  
 Papo furado não me entretém  
 Não dê limite que eu quero ir além*

*Porque a vida é louca, mano, a vida é louca*

*Me perdi pelo caminho...*

Enquanto compartilhava a escolha da canção a aluna trouxe o quanto tem sido um desafio o modo como nossa sociedade olha e trata as mulheres, em particular as jovens e meninas: *“muitas vezes a gente julga, por exemplo, o fato de uma jovem engravidar e ai a gente acha que o mundo acabou, parece que ela não pode fazer nada. Eu achei que era assim. Ser dona de mim não é fácil nesta sociedade”* (relato, 14 de junho de 2022). Enquanto esta aluna compartilhava a turma toda voltava seu olhar para ela. O ponto mais forte foi quando a jovem disse: *“esta jovem sou eu”*. O reconhecimento de si na letra da canção. O reconhecimento de si por meio da escuta da própria voz. O reconhecimento de si ao compartilhar sua experiência em sala de aula. Ao final de sua fala, todos estávamos emocionados, por sua VOZ, pela sua coragem, mas, sobretudo, porque nossas vozes encontraram elo e conexão em sua narrativa.

Outros relatos foram emergindo durante o desenvolvimento da disciplina e mostrando a importância deste componente curricular no processo de formação docentes dos estudantes. Apresento alguns relatos <sup>[1]</sup> considerando dois aspectos: (1) importância do estudo da disciplina Educação e Sexualidade no processo de formação universitária e (2) significado e sentidos do estudo desta disciplina.

### **(1) importância do estudo da disciplina Educação e Sexualidade**

*“Partindo do pressuposto de que vamos atuar com a formação de pessoas, e grande parte dessa nossa caminhada estaremos também interferindo diretamente na construção do tipo de pessoa que aqueles sujeitos serão, essa disciplina traz para nós, a oportunidade de aprofundamento de conhecimento relacionados a temas que ainda são poucos debatidos na sociedade. A escola como um dos principais agente de transformação social deve ter em seu corpo escolar, profissionais com esses tipos conhecimentos para atuar nas questões sobre sexualidade, uma vez que sexualidade não se restringe a "sexo", e sim a uma gama de informações que por conta de muito preconceito e falta de informação ainda são visto como tabu”* (relato estudante 4., 22 de junho de 2022).

*“Acredito que a disciplina é de suma importância, haja vista que, precisamos desconstruir preconceitos que estão entranhados historicamente na sociedade. Além mais, seremos futuros*

*educadores, e é preciso educar para a vida social, educar para o respeito, considerando as diferenças e diversidades, assim refletindo em um futuro sem desigualdades de raça, gênero e sexualidade, entre outros” (relato estudante 5, 22 de junho de 2022).*

*“Bom, essa disciplina em minha opinião é muito importante pra nós futuros pedagogos, onde vamos trabalhar com a educação. Falar sobre a sexualidade que já existe um grande tabu, porque pra muitas pessoas falar sobre sexualidade é só falar sobre "Sexo", mas aos poucos estamos desconstruindo essa ideia. Esta sendo muito importante pra minha formação, porque eu como educadora já vou repassar outro pensamento para meus futuros alunos, assim cada vez mais falar sobre esse assunto já vai ser normal” (relato estudante 11, 22 de junho de 2022).*

## **(2) significado e sentidos do estudo desta disciplina**

*“Essa disciplina me ajuda a compreender quem eu sou, porque eu sou assim, quais outras formas de ser, quem é o outro, o que é o não o sim na nossa sociedade. Tantas questões que são extremamente necessárias que por conta do tabu que são atribuídos a elas acabam sendo poucos debatidos. Como eu, como futura pedagoga, posso começar ajudar meus futuros alunos a compreender o mundo a partir de diferentes perspectivas. Acredito que ainda tenho muito a aprender, e isso se dará em um processo longo de reflexão e ação ” (relato estudante 4, 22 de junho de 2022)*

*“Eu me sinto bastante estimulado a querer entender mais as lutas, conceitos, pré-conceitos, me desconstruo e formo novas opiniões” (relato estudante 05, 22 de junho de 2022).*

*“A disciplina Educação é Sexualidade é uma agulha para furar a bolha do preconceito, adquirir conhecimentos é fundamental para nos tornarmos sujeitos transformadores, é saber respeitar o espaço do outrem e aprender a importância de cada luta dentro de uma sociedade machista” (relato estudante 07, 22 de junho de 2022).*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo deste relato foi de apresentar quais tem sido os sentidos, significados e percepções de estudantes dos cursos de pedagogia e educação física, sobre a importância dos

estudos em educação, gênero, raça e sexualidade na formação docente. Considerando a metodologia utilizada para desenvolver a disciplina e os relatos/vivências dos estudantes mencionados entendo que a discussão não se encerra por aqui, visto ser este um processo em construção e que deve continuar sendo fomentado na Universidade, na sala de aula, nas conversas de corredor, nos bate papo entre colegas, nas interações possíveis neste contexto.

Ressalto três aspectos nestas considerações (in)conclusas e finais: primeiro: refere-se a importância de criar espaços de escuta das vivências e narrativas dos estudantes, em processo de formação docente, criando rodas dialógicas, emancipadoras, críticas e engajadas; segundo, fortalecimento dos estudantes em seu processo de construção de um pensamento crítico, ou seja, as rodas dialógicas, permitiram aos estudantes rever suas posturas, opiniões e pensamentos, em um processo laborioso de construção de conhecimentos pautados na criticidade e transformação de si e da realidade; e, por fim o terceiro aspecto remete ao compromisso ético e político dos estudantes e da professora envolvida nesta disciplina, este compromisso revela a relação entre docência e discência. O caminho é trilhado conjuntamente. O aprendizado construído coletivamente. E assim, os saberes possibilitam a transformação.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, 13 ed., 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 63ª-ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CARDOSO, Helma de Melo. **Gênero, sexualidade e escola: contribuições da teorização de Foucault**. São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 11, n. 01, Edição Especial, p. 319-332, dezembro, 2018.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria e prática**. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.



LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2<sup>a</sup>- ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2000, p. 05-34.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 2<sup>a</sup>- ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2000, p. 35-82.

---

[1] Os relatos foram trazidos pelos estudantes no processo de avaliação da disciplina.